

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**  
**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**  
**LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

**ESPAÇO PÚBLICO: PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES - O  
CASO DAS MOTORISTAS E COBRADORAS DOS TRANSPORTES PÚBLICO DE  
MAPUTO - (TPM)**

**Autor: Tomázia Lília Pitta**

**Supervisor: dr. Fernando Manjate**

**Maputo, Setembro de 2012**

**ESPAÇO PÚBLICO: PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES - O  
CASO DAS MOTORISTAS E COBRADORAS DOS TRANSPORTES PÚBLICO DE  
MAPUTO - (TPM)**

**Autor**

.....

**Tomázia Lília Pitta**

**Trabalho de conclusão de curso para obtenção do Grau de licenciatura em Antropologia na  
Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.**

**O Supervisor**

.....

**O presidente**

.....

**Oponente**

.....

**Maputo, Setembro de 2012**

## **DECLARAÇÃO DE HONRA**

Declaro por minha honra que este relatório de pesquisa nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que o mesmo constitui o resultado da minha investigação pessoal, e estão indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

Tomázia Lília Pitta

.....

**Tomázia Lília Pitta**

## **DEDICATÓRIA**

O presente estudo dedico aos meus pais: Armando João Sebastião Pitta e Noémia Francisco Pedro Luís que me trouxeram ao mundo e fizeram de mim a pessoa que sou hoje, e aos meus irmãos: Ana Maria Pitta e Mário Armando Pitta que sempre participaram e estiveram presentes na minha vida.

À memória do meu colega da Universidade, Eduardo Lourenço Mate também dedico o presente estudo.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a **DEUS** por tudo que tem feito na minha vida, por cuidar de mim e por ter feito esse momento tornar-se realidade.

Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, dedicando parte do seu tempo e apoio moral.

Ao dr. Fernando Manjate, meu supervisor, que com sua dedicação e atenção transformou este momento de avaliação parcial numa fase de aprendizagem e produção do conhecimento científico, e sem ele este estudo, seria impossível.

A todos os docentes do DAA que durante o percurso do curso souberam usar da sua capacidade intelectual para transmitir as ferramentas necessárias para a minha formação académica.

Aos meus companheiros de turma e grupo nomeadamente: Arlindo Uate, Joaquim Simango, Nelson Mugabe, Renaldo Manhiça e Eduardo Mate que de uma forma incansável contribuíram para a elaboração deste trabalho. Aos colegas: Kate Niconte, Berta Membawaze, Chomulo Guena e Nelson Escritório, aos outros colegas pela atenção e sugestões. Muito obrigado.

Aos meus tios Dinis Bernardo e Gilberto Ngoenha (Betinho) pela atenção e força que souberam transmitir nos momentos difíceis da minha vida quer pessoal quer académica. A todos tios que de alguma forma acompanharam o meu percurso académico endereço o meu muito obrigado.

Agradeço aos meus amigos Valdemar Sambo, Charifa Libelela e Abdul Libelela, que por muito tempo me ouviram falar sobre este trabalho e muito ajudaram durante o meu percurso académico. A estes e todos aqueles que de alguma forma, contribuíram para minha formação académica e ajudaram para realização do presente estudo.

Muito obrigado!

## RESUMO

O presente relatório, apresenta resultados de uma pesquisa sobre as percepções e representações da mulher no âmbito de exercício de actividades no espaço público, em particular as motoristas e cobradoras dos Transportes Públicos de Maputo (TPM).

Os dados deste estudo permitem afirmar que as mulheres percebem e representam de forma diferente as actividades por elas exercidas no espaço público, pois notou-se que por um lado, existem mulheres que encaram o espaço público como um meio para obter e garantir o salário mensal para custear estudos e desenvolver outras actividades no sector informal, deixando perceber que a sua integração no espaço público é de carácter temporal. Por outro lado, verificou-se a existência de mulheres que encaram o espaço público como forma de mostrar capacidade e profissionalismo, adquirir experiência e servir o público, sendo igualmente meio para sua emancipação visto que as cobradoras e motoristas entendem o seu trabalho como sendo de domínio de homens.

Assim no entendimento destas, a sua participação constitui uma forma de materializar a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Observou-se igualmente que as cobradoras e motoristas se sentem especiais por exercerem actividades supostamente masculinas.

**Palavras-chave:** espaço público, percepções, representações.

## ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	II
DEDICATÓRIA .....	III
AGRADECIMENTOS .....	IV
RESUMO.....	V
1.INTRODUÇÃO .....	1
2.PROBLEMÁTICA .....	2
3.MÉTODOS E TÉCNICAS .....	4
4.REVISÃO DE LITERATURA.....	7
5.APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS .....	11
5.1.Percepções das motoristas e cobradoras sobre a mulher no espaço público.....	11
5.2. Percepções e representações das motoristas e cobradoras dos TPM .....	14
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relatório de pesquisa que tem como tema: Espaço Público: Percepções e Representações da Mulher - O Caso das Motoristas e Cobradoras dos TPM na cidade de Maputo.

Tendo em conta a crescente participação da mulher no espaço público, neste relatório analiso como as motoristas e cobradoras dos TPM se percebem e se representam no âmbito do exercício de actividade no espaço público.

Este enfoque resulta do facto da questão das percepções e representações da mulher integrada no espaço público, ser pouco discutida na literatura sobre relações de género (na qual faz parte o debate entre o privado e público). Na pesquisa procurou-se no geral, analisar a forma como as mulheres, uma vez integradas no espaço público, se representam e se percebem. De uma forma específica procurou-se identificar e descrever as percepções e representações das motoristas e cobradoras dos TPM em relação a mulher no espaço público e ao exercício das suas actividades naquela empresa pública.

O relatório está estruturado em sete partes: Para além desta pequena introdução, segue a problemática onde apresento o problema da pesquisa ou seja as inquietações e a pergunta de partida. A terceira parte é inerente aos métodos e técnicas, nesta apresento a trajectória da pesquisa, isto é, os procedimentos utilizados para efectivação do trabalho (as técnicas utilizadas para recolha, análise e sistematização dos dados). A quarta parte diz respeito a revisão de literatura onde apresento o estado da arte no que diz respeito as questões de género<sup>1</sup>, mulher e espaço público versus privado, género e trabalho e emancipação da mulher. Na quinta parte procedo com apresentação e discussão dos dados onde por um lado, apresento e analiso as percepções das motoristas e cobradoras sobre as mulheres no espaço público e por outro lado, discuto e analiso as percepções das motoristas e cobradoras sobre o trabalho que desenvolvem nos TPM. E a última parte, foi reservada às considerações finais e referências bibliográficas.

---

<sup>1</sup> O conceito género deve ser diferenciado de sexo porque se refere as ideias que as sociedades tem do que deve ser os homens e as mulheres, e podemos também perceber que a análise de género mostra-nos que as identidades masculinas e femininas são construções sociais sobretudo do domínio simbólico, mas que é materializado nas práticas sociais do nosso quotidiano.

## 2. PROBLEMÁTICA

A dicotomia público e privado tem sido discutida em duas perspectivas. A primeira perspectiva associa as mulheres ao espaço privado e à natureza. De acordo com esta perspectiva, as mulheres estão socialmente na posição subalterna aos homens, que ocupam o espaço público e que geralmente são associados à cultura e socialmente ocupando uma posição dominante.

Nesta perspectiva pode-se destacar por exemplo Ortner (1974) que sugere a ideia da dicotomia natureza e cultura, onde a mulher é vista como pertencente a ordem da natureza e o homem a ordem cultural. A análise frequente destas categorias do homem/mulher e de cultura/natureza, culmina com a ideia de que o espaço público é de domínio de indivíduos do sexo masculino e o espaço privado dos indivíduos do sexo feminino.

Esta é uma visão considerada típica de uma sociedade patriarcal e da ciência moderna cujas implicações foram sendo denunciadas pelo (eco)feminismo e ambientalismo. A título de exemplo, Shiva (2010) faz a sua denúncia mostrando que toda a criatividade da natureza, dos seres humanos, das mulheres em suas relações com o cuidado da natureza são definidos como não produtivo e não actividade, daí que se pode deduzir que as mulheres não trabalham e as actividades por elas desenvolvidas não são considerados como trabalho. Assim sendo, a naturalização da tarefa feminina na reprodução e na vida doméstica aproximou a mulher da natureza.

Desta forma, para autora a relação homem/mulher coloca-se em termos de posições binárias onde o homem ocupa uma posição valorizada e a mulher a posição desvalorizada, o espaço público é relegado exclusivamente para os homens e o privado às mulheres, facto que logo a partida limita um olhar para mulheres enquanto actores ou agentes em espaços públicos.

Todavia, esta limitação é superada pela segunda perspectiva, que questiona a dicotomia público/homem-privado/mulher uma vez considerado que as mulheres também estão envolvidas no espaço público. Por exemplo, Meneses (2008) mostra que em Moçambique após independência as mulheres passaram a ter acesso ao espaço público e cargos públicos de forma a contribuir para o desenvolvimento do país, e a serem vistas como o garante da reprodução social.

Diferentemente da primeira perspectiva que naturaliza os espaços para homens e mulheres, a segunda perspectiva permite-nos olhar e pensar o espaço público como um lugar partilhado por homens e mulheres.

Aliás, de acordo com Arán (2003) a integração da mulher no espaço público começa a ser notável a partir do século XX, pois foi ao longo do século XX e mais especialmente, a partir da década de 1960 que as sociedades ocidentais presenciaram uma verdadeira “invasão” das mulheres no espaço público. Para ela, tradicionalmente relegadas à esfera doméstica, sob a resistente dicotomia público/masculino *versus* privado/feminino, mulheres das mais diferentes origens enfrentaram a divisão sexual do trabalho e as imposições delas decorrentes e lutam para alcançar outros espaços e experimentar outras possibilidades de inserção social.

Para Arán (Ibid:403) a integração da mulher no espaço público verificou-se concretamente a seguir à II guerra mundial com *welfare state*<sup>2</sup>. Segundo Lefaucheur apud Arán “a nova concepção de socialização promovida pelo *welfare state* modificou a relação das mulheres com o mercado de trabalho, tanto no espaço doméstico como também no espaço público. Na medida em que o *welfare* foi entrando a casa, as tarefas domésticas mais pesadas aos poucos, foram substituídas por técnicas especializadas abrindo assim um mercado de trabalho para as mulheres”.

Esta autora ainda refere que nos anos 1960 e 1970 o trabalho feminino era visto pelos homens e pelas mulheres como sendo uma questão económica, caracterizado como ‘segundo salário’, uma forma de a mulher ajudar nas despesas do lar. Hoje o trabalho feminino aparece como parte de uma exigência individual e identitária das mulheres, visto que as mesmas também trabalham porque querem.

Enquanto para McDowell (2000), foi na década de 1990, que se criaram possibilidades para que a luta pela emancipação das mulheres se pudesse exprimir de forma mais plural, e cada vez maior números de mulheres começam a ocupar órgãos de decisão, tanto a nível da administração pública como a nível do poder político (onde há mais mulheres) e verificou-se também que nos

---

<sup>2</sup> Termo usado para referir-se à uma fase em que entrou o sistema capitalista nas décadas que se seguiram à segunda grande guerra e com ele observou-se uma reorganização da vida social. Principalmente no que se refere à esfera da reprodução da força de trabalho, visto que a mulher passou a desenvolver trabalhos fora do campo doméstico.

últimos 30 anos, o mundo passou a contar com a presença da mulher em todos os campos da vida.

Loforte (1996) constatou que em Moçambique desde as primeiras eleições legislativas de 1994, as mulheres passaram a chefiar e a participar activamente nos órgãos do partido e verificou-se uma acentuada insistência na necessidade de integração da mulher, que culminou com o aumento do número de mulheres no espaço público, na administração pública e nos órgãos de decisão.

Todavia, embora as mulheres estejam gradualmente integradas no espaço público, é de salientar que ainda é escassa a literatura que se debruça sobre as percepções e representações que as mulheres têm da sua integração num espaço historicamente considerado domínio dos homens, existindo apenas, estudos que abordam sobre mudanças e integração das mulheres na esfera pública, procurando mostrar que as mulheres estão sendo integradas, tal como pode-se observar em Loforte 1996, Osório 2005 e Meneses 2008, e outros acima referidos.

Partindo do pressuposto de que “a situação concreta da mulher só pode ser entendida por meio de um estudo etnográfico, sobre o que elas fazem e pensam de si ” (Suárez 1995), pretende-se com este estudo explorar as percepções e representações da mulher no âmbito de exercício de actividades no espaço público, em particular das motoristas e cobradoras, dos Transportes Públicos de Maputo (TPM).

### 3. MÉTODOS E TÉCNICAS

O presente estudo é de tipo qualitativo com um carácter exploratório. O estudo qualitativo consiste essencialmente em empregar actos, fatos, falas e interpretações para formar um modelo lógico que seja explicativo duma realidade, na maioria das vezes inacessível aos indivíduos, e é nesse contexto que se compreende os significados que os actores sociais atribuem para as suas práticas. Assim, o estudo qualitativo permitiu uma captação das percepções e auto-representações das mulheres integradas no espaço público, em particular as mulheres motoristas e cobradoras dos transportes públicos na cidade de Maputo.

O presente estudo foi realizado em três fases complementares uma revisão de literatura, um trabalho de campo e a análise dos resultados. A primeira fase decorreu de Março de 2011 e prolongou-se durante a elaboração do estudo e consistiu na pesquisa bibliográfica efectuada na biblioteca Brazão Mazula, na biblioteca do departamento de Arqueologia e Antropologia, na biblioteca da *Women and Law Shourthen Africa Mozambique* (WLSAMoz), Centros dos Estudos Africanos (CEA) e biblioteca Central da Universidade Pedagógica (UP), todas elas localizadas na cidade de Maputo.

Nestas bibliotecas consultou-se obras que debatem sobre emancipação da mulher, mulher e o trabalho, género e espaço público. Esta fase foi bastante pertinente na pesquisa, na medida em que, permitiu uma familiarização com as abordagens sobre as relações de géneros e discussões sobre a integração da mulher no espaço público, e tornou possível a aquisição de perspectiva de análise das relações de género, ficou-se a saber de forma exaustiva sobre o que foi escrito e publicado em relação a integração da mulher no espaço público, dando a possibilidade de conhecer o estado de arte da pesquisa sobre esta temática, assim como, abrir novos horizontes de pesquisa, até aqui, poucos explorados sobre os estudos de género em Moçambique.

A segunda fase decorreu de Agosto de 2011 a Outubro 2011 e consistiu num trabalho de campo com mulheres motoristas e cobradoras dos transportes públicos na cidade de Maputo. No terreno fui recebida pelo responsável do departamento da administração dos transportes públicos, que por sua vez, apresentou-me aos responsáveis de turnos para que pudesse obter destes,

informações concernente ao horário de entrada e rotas das cobradoras e motoristas em serviços para posteriormente convidar a participar da pesquisa.

Na selecção dos participantes trabalhei com duas categorias: cobradoras e as motoristas. A selecção das participantes foi facilitada pelos chefes de turnos que se reuniam com as motoristas e cobradoras, tendo sido a elas apresentada. Mais tarde, conversei com as motoristas e cobradoras, explicando o objectivo da pesquisa e convidei-as a participar da pesquisa, e foi a partir daí que fui-me interagindo com elas e também obtive os seus contactos de telefone.

Nesta fase, mobilizei como técnicas de recolha de dados, a observação directa, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais. A observação directa foi feita no recinto da empresa TPM (concretamente nas salas de espera), no centro social quando algumas trabalhadoras convidavam para almoçar e no autocarro durante a trajectória. Esta técnica foi importante porque permitiu observar a forma como as mulheres se relacionavam com os colegas cobradores\as e motoristas.

Ainda, com base na observação directa, durante as viagens de autocarros foi possível observar e ouvir a forma como as motoristas e cobradoras falavam com os passageiros ou entre elas, a forma como elas faziam o trabalho e a relação que elas tinham com os passageiros dentro do autocarro durante a viagem.

Em fim, com a observação directa conseguiu-se captar os comportamentos, atitudes que as motoristas e cobradoras apresentavam em suas actividades e a forma de relações sociais existentes no contexto em estudo.

As entrevistas com as participantes foram semi-estruturadas e conversas informais. Estas entrevistas permitiram explorar os assuntos de forma aberta, ao mesmo tempo que, com base nas conversas informais procurei manter intercâmbio com as motoristas e cobradoras através da mobilização de laços de amizade com vista a minimizar a posição de ‘estranho’ e procurar ganhar confiança. Porém, as entrevistas foram feitas no período de manhã e de tarde devido a disponibilidade das participantes tendo em conta os seus turnos.

Na sala de espera conversei com seis participantes dos quais duas motoristas e quatro cobradoras e todas as conversas tinham duração de duas horas. No autocarro dialoguei com cinco

participantes dos quais três motoristas e duas cobradoras e ambas conversas tinham duração de uma hora e meia. Nas conversas procurei debater assuntos sobre as trajetórias de vida, as suas percepções em relação ao trabalho feitos por elas. Com essas conversas conseguiu-se captar percepções e representações que as motoristas e cobradoras faziam em relação ao trabalho desempenhado por elas, e outras mulheres no espaço público.

Ainda no campo, usei o diário de campo para efectuar o registo do que as informantes diziam no terreno. O diário de campo mostrou-se bastante útil durante esta fase, porque permitiu registar aspectos importantes que foram pertinentes durante a fase de análise de dados.

A última fase decorreu de Novembro de 2011 a Junho de 2012 e consistiu na análise de dados recolhidos durante o trabalho de campo. A análise de dados, consistiu em dois momentos. Num primeiro momento as conversas e observações do campo foram transcritas com detalhe e de forma fidedigna para subsequente análise cruzada com as notas de bloco. Este procedimento foi útil, pois ajudou-me a compreender todos os depoimentos prestados pelas nossas participantes sobre percepções e representações ou seja, sobre o que disseram e pensavam sobre o exercício das suas actividades num espaço supostamente masculino. No segundo momento as conversas foram agrupadas e sistematizadas de acordo com os objectivos do trabalho e que orientaram o processo de criação dos tópicos do presente relatório.

De referir que a pesquisa, conheceu igualmente algumas dificuldades. Por exemplo, no decurso do trabalho de campo inicialmente alguns trabalhadores responsáveis pela organização dos turnos e cobradores convidavam-me para “sair” com vista a criar “amizades coloridas”<sup>3</sup>. Essa atitude foi constrangedora porque no momento de espera das participantes, eles apareciam na sala, sentavam perto de mim e insistiam que aceitasse o convite. Para contornar a situação, mudei do local de espera das participantes, optando deste modo, pelo pátio da empresa, local onde ficavam os autocarros.

A outra estratégia usada para superar estes constrangimentos consistiu em conversar com informantes num ambiente particular, e sempre enfatizando que estava a realizar um trabalho académico.

---

<sup>3</sup> “Amizade colorida” é uma amizade que pressupõe intimidade entre dois indivíduos.

#### 4. REVISÃO DE LITERATURA

De um modo geral a situação das mulheres no espaço público versus privado é discutida no domínio das relações de género. Nestas relações os homens são associados a cultura e as mulheres à natureza, essa associação permite por sua vez, com que haja desigualdades nos papéis e espaços que são atribuídos para os homens e para as mulheres.

No geral destacam-se três linhas de discussão sobre as dicotomias homem/público versus mulher/privado, ou seja, a discussão sobre a existência da desigualdade entre homens e mulheres e sua associação ao público ou privado. A título de exemplo, Cetolin (1997) mostra que dentro desse debate sobre as mulheres no espaço público, encontramos essa separação entre as esferas públicas e privadas as quais são associadas aos papéis de homens e mulheres, em que a mulher era vista como submissa na sociedade e havia trabalhos mais adequados para homens. A função maternidade era naturalizada ao feminino, a mulher era um ser basicamente instintivo e pouco racional que foi sendo construído com a intenção de afirmar as funções admitidas para as mulheres.

Castro (1997) sustenta que a actividade doméstica é reservada a mulher e todo um conjunto de actividades que conduzem a reprodução da unidade doméstica, actividades que são consideradas como sendo de nível secundário enquanto que os homens lhes cabe o controlo dos meios de produção que lhes garante o papel de dominantes. Por isso, tudo aquilo que é representado como masculino ganha mais valor e prestígio social. Portanto, o que se valoriza não é o trabalho feito pelo sexo masculino, inferiorizando deste modo as tarefas relegadas as mulheres, assim sendo a desvalorização passa a ser duplo, primeiro é por ser uma mulher a exercer o trabalho e segundo é pelo trabalho em si que a mesma executa.

Na mesma perspectiva Camacho apud Castro “os trabalhos realizados pelos homens ligados a manutenção de electrodomésticos (aparelhagem de sons, fogão, ferro de engomar, lâmpadas), embora na esfera doméstica, não são tidos como domésticos. Estas funções são mais valorizadas socialmente, atribuindo honra e prestígio aos homens, contrariamente as mulheres que são desqualificadas pela sociedade por se dedicarem a trabalhos vistos como leves e fáceis. Isto significa que não são os trabalhos domésticos em si que não tem valor social, mas sim o conjunto

de representações inferiorizantes que se tem dessas tarefas e das pessoas que frequentemente as fazem, as mulheres”.

Com uma posição similar de Welzer-Langa (2009) explica que os homens dominam colectiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos. Portanto, Welzer-Langa olha para a situação da mulher com base nas relações do poder masculino no domínio da esfera pública, mostrando que a mulher pela sua condição inferior é dominada pelo homem, cabendo-lhe apenas o espaço doméstico (neste há igualmente domínio masculino).

A segunda linha ilustra a ausência da dicotomia entre público e privado. Por exemplo, Rosaldo (1974) vem desconstruir a ideia de que a mulher é fraca e que está sempre por de trás do homem como subordinada, ao mostrar que os homens circulam pela esfera pública, variando com as mulheres nas suas tarefas, permitindo uma igualdade entre ambos. Defende a igualdade de género no sector laboral, visto que, tanto o homem assim como a mulher, tem a mesma capacidade para realizar os mesmos trabalhos. A mulher tem mostrado serviço ao mesmo nível dos homens, produzindo resultados desejados no trabalho, quer a nível do trabalho doméstico quer a nível do trabalho público.

Na mesma linha McDowell (2000), vem mostrar a necessidade de integração da mulher na esfera laboral e a criação de possibilidades para que a luta pela emancipação das mulheres pudesse abranger todas as mulheres do mundo, e desse modo, cada vez maior número de mulheres começam a ocupar órgãos de decisão, tanto a nível da administração pública como a nível do poder político, sendo que nos últimos 30 anos, o mundo passou a contar com a presença da mulher em todos os campos da vida.

Na óptica da Osório (2005) a presença das mulheres no espaço público em Moçambique tem permitido, tornar visíveis as suas capacidades e competências e funciona como factor de desestruturação social das representações sobre os papéis tradicionais das mulheres e, por outro lado, factor de mudança legal e das políticas públicas a favor da defesa dos direitos humanos dos excluídos. De forma igual Meneses (2008), verificou que em Moçambique a mulher já está

integrada no espaço público e estas passaram a possuir acesso ao espaço público e cargos públicos, bem como sendo o garante da reprodução social.

Numa outra linha de discussão argumenta-se que apesar da integração das mulheres no espaço público elas exercem funções secundárias e se subordinam aos homens. Por exemplo Carrasco (1994) constata que apesar de a mulher dividir o mesmo espaço com o homem no trabalho, exercendo funções públicas, actividades económicas em todos processos de produção, ela não tem a mesma qualificação técnica e capacidade para produzir. Assim, a qualificação técnica depende basicamente dos esforços masculinos canalizados através dos sindicatos, para tentar reservar os critérios de maior qualificação para as tarefas que realizam os homens, excluindo as mulheres dos postos de trabalho mais bem remunerados.

Na mesma vertente Kon (2002) observou que mesmo encontrando um homem como cozinheiro num restaurante (exercendo uma actividade supostamente feminina), ele é que é o chefe de cozinha e a mulher a sua ajudante. Portanto, há sempre uma relação de subordinação por parte da mulher no sector laboral.

O estudo de Campos (2003) aponta para a forma como as mulheres em Moçambique são vistas no espaço público mostrando que mulheres neste espaço, ainda são vistas como fracas e de poucas capacidades para ocuparem grandes cargos, visto que para tal, deveriam criar um esforço maior e individual para merecer tais cargos. O autor acrescenta que as actividades desenvolvidas pelas mulheres no sector laboral ainda são ignoradas por se pensar a mulher como aquela que está exclusivamente ligada às actividades domésticas.

Na mesma ordem de pensamento Okin (2008), chama-nos atenção para o facto de o homem e a mulher não partilharem o mesmo poder no espaço público: a mulher não exerce a mesma função com o homem no sector laboral, e é preparada para as chamadas funções secundárias de dependência masculina, aquela que se destina a cuidar de casa, do lar e por ser subordinada a família, reflectindo-se assim, no espaço público, onde cabe assim, a mulher exercê-los continuando deste modo subordinada ao homem.

Ainda no âmbito destes estudos Louro (2008) argumenta que as mulheres foram historicamente guiadas, através de uma segregação social e política, para um processo de produção de sua

invisibilidade como sujeito da ciência e nessa ordem de ideia, foram criados discursos que caracterizaram a esfera privada, o mundo doméstico como verdadeiro universo da mulher, e a esfera pública, o mundo de cargos de chefia como verdadeiro universo do homem.

Téles e Brás (2010) constataram que a participação social e decisória da mulher no espaço público é frágil e tem como implicações diversos aspectos da vida quotidiana, na medida em que a mulher ainda é vista através do espaço privado, e o trabalho desenvolvido por elas no espaço público não tem causado maior impacto devido a sua fraca capacidade intelectual e física.

Enquanto Cumbi (2009), chama atenção para o facto de as mulheres se encontrarem no espaço público e ao mesmo tempo sem se desligarem das tarefas domésticas. O autor defende que a mulher por mais que esteja a estudar e trabalhar no sector público, ela não pode abdicar-se das actividades domésticas em sua casa, ela tem de saber cozinhar, cuidar dos filhos e da casa, ainda, ela precisa de ser uma mãe e esposa excelente mais do que estudar e trabalhar.

Loforte (2000) traz-nos uma visão diferente em relação aos autores citados acima, portanto, autora explica que é difícil falar de género no contexto africano porque o homem nem sempre detém o poder na família, as mulheres também são chefe de família, e existem mulheres que sustentam suas famílias com o rendimento que ganha na banca vendendo hortaliças, legumes, e nem por isso devemos considerar essa actividade como pertencente ao espaço privado, porque no final do dia a mulher consegue sustentar a família em casa com o dinheiro que ganha na sua banca.

A partir da informação revista na literatura acima indicada constata-se que a mulher tem sido integrada no espaço público e desempenha actividades semelhantes á dos homens, todavia, ela ainda é percebida como menos capacitada em relação ao homem, visto que, o homem é socialmente considerado a pessoa que possui maior qualificação técnica e capacidades intelectuais. Porém, tal como já me referi acima, apesar desta progressiva integração da mulher no espaço público, existem poucos estudos que exploram as representações e percepções dessas mulheres integradas no espaço público, deste modo, o presente estudo constitui um desafio nesta direcção.

## 5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

### 5.1. Percepções das motoristas e cobradoras sobre a mulher no espaço público

Na pesquisa procurei identificar as percepções das nossas informantes-chaves sobre as mulheres que exercem funções no espaço público. Desta forma os dados revelam que as motoristas e cobradoras percebem a mulher como aquela que está igualmente capacitada para executar qualquer trabalho e que a condição de ser mulher não influencia em nada, muito pelo contrário, as mulheres já desenvolvem trabalhos de grande qualidade. Para elas a mulher desenvolveu muito a sua capacidade técnica e já consegue mostrar isso nas áreas que pouco se viam mulheres a trabalharem, conforme substancia a seguinte informante:

A iniciativa da mulher estar a ocupar o seu espaço é boa, a mulher deixa de ser dependente do homem. É muito bom ter mulheres a trabalhar no sector público porque pelo menos assim elas têm oportunidade de mostrar o que são capazes de fazer. Hoje temos muitas mulheres que já conquistaram o seu espaço e já fazem o que os homens faziam como por exemplo já conseguimos ver mulheres na área mecânica, pedreira, pintura, apesar de serem poucas ainda mas já estamos a preencher essas áreas, e todas nós devemos-nos ajudar porque o trabalho complementa o outro (Guilhermina)<sup>4</sup>.

Esta percepção é igualmente identificada na afirmação da Noémia:

A mulher está a conquistar o seu espaço e ela sabe como fazer as coisas porque tudo que a mulher faz sai bem, elas trabalham bem e fazem melhor o seu trabalho mais que o homem, porque a mulher é pouco séria em todos aspectos. A mulher pode fazer tudo, está em todas áreas e sabe-se dividir e agora já podemos ser tratada de igual para igual no trabalho em relação ao homem, ela pode ser enquadrada em qualquer área e até pode ser melhor (Noémia)<sup>5</sup>.

Segundo as informantes as mulheres procuram trabalho para deixarem de prender-se ao homem, e tornarem-se independentes financeiramente. Para elas há lugar para as mulheres no espaço público, porém, a mulher precisa ir atrás do tempo perdido e mostrar que ela sempre teve capacidade de desenvolver todo tipo de actividades, independentemente da sua condição feminina.

---

<sup>4</sup> Entrevista feita a motorista Guilhermina no dia 22/08/2011 - Na sala de espera dos TPM.

<sup>5</sup> Entrevista feita a cobradora Noémia no dia 22/08/2011 - Na sala de espera dos TPM.

Aliás, para as nossas informantes as mulheres consideram-se superiores aos homens por estarem a conquistar este espaço, mas na realidade não são, visto que os homens sempre estiveram nessa posição superior, e não é o simples facto de as mulheres executarem tarefas supostamente masculinas que as tornarão superiores. Entretanto, as mulheres lutam para mostrar ao homem que elas também são capazes e podem fazer todo tipo de trabalho e ao fazerem isso elas se sentem mais confiante e realizadas.

Desta forma há um ideal de que as mulheres procuram legitimar a sua igualdade através do trabalho que escolhem, como forma de mostrar habilidade e eficácia no trabalho, e por vezes procuram emprego para não ficarem “paradas” e por isso, ficam sujeitas a trabalhos que por vezes não lhes satisfazem, mas porque lhes deixa seguras por estarem a ganhar dinheiro pelo seu próprio esforço, mesmo sendo um trabalho não esperado. Relativamente a este ponto uma informante disse:

Eu acho que a mulher no espaço público deve abraçar tudo o que aparece, falo no sentido de aceitarem qualquer emprego porque a falta de emprego faz com que as pessoas abracem qualquer coisa por mais que não goste (Sandra)<sup>6</sup>.

Neste discurso pode-se perceber que não há interesse por parte das mulheres em querer imitar os homens no que fazem e mostrar superioridade no trabalho visto que, o maior objectivo delas é encontrar qualquer emprego ainda que seja os mesmos desenvolvidos em casa, considerados como domésticos, mas que seja rentável e dê a mulher a independência para organizar-se e levar uma vida independente.

Por outro lado, algumas motoristas e cobradoras olham para a mulher como aquela que continua a ser auxiliar do homem no trabalho, porque continuam assumir o homem como o detentor dos melhores cargos. Para elas as mulheres, apesar de estarem no espaço público a trabalharem lado à lado com os homens, elas são incapazes de desenvolver trabalhos do mesmo nível que os homens, tal como se refere uma das informantes:

Os homens continuam a liderar nos sectores públicos, e por causa disso tem havido desigualdade nas esferas laborais. As mulheres servem para complementar os trabalhos feitos pelos homens. As mulheres entram em desvantagem quando

---

<sup>6</sup> Entrevista feita a cobradora Sandra no dia 06/08/2011 - No autocarro durante a trajectória.

encontram “*job*” que exige muito esforço como mecânica, reparação de estradas, elas tem dificuldades de gerir trabalhos pesados (Sandra)<sup>7</sup>.

Esta percepção é igualmente identificada na afirmação da Fátima:

A mulher para ser igual ao homem, o homem deve puxar a mulher, porque se ele diz que a mulher não pode trabalhar então ela não pode fazer nada, os dois devem segurar as mãos juntas. A mulher para atingir o seu objectivo deve trabalhar e mostrar ao homem que ela tem capacidade para tal, porque se a mulher ou o homem não compartilhar o trabalho juntos então, não é possível, a empresa precisa de trabalhadores que compartilham uns com os outros. A mulher lado a lado com o homem juntos podem vencer, e estar junto pelo trabalho progredirmos para Moçambique estar em pé e deve haver colaboração e um espírito amigável entre homem e mulher, porque se eu querer medir força com o homem ele pode-me fazer ver que não sou nada. A igualdade entre um homem e uma mulher nunca vai existir porque o homem é que deve abrir espaço para a mulher progredir, e o homem pode me fazer voltar a trás se ele quiser. Eu tive muita sorte na minha preparação porque fui estagiada por um homem e ele ensinou-me como fazer o trabalho (Fatima)<sup>8</sup>.

Deste modo, é de se considerar que estas declarações colaboram com as observações de Carrasco (1994) de que apesar de a mulher dividir o mesmo espaço com o homem no trabalho, exercendo funções públicas, actividades económicas em todos processos de produção, ela não tem a mesma qualificação técnica e capacidade para produzir. Assim, a qualificação técnica depende basicamente dos esforços masculinos, excluindo às mulheres dos postos de trabalho mais bem remunerados.

As mulheres continuam a legitimar o poder dos homens no espaço público por acharem que não têm capacidade para desenvolver actividades sem auxílio de uma figura masculina. A mulher continua dependente do homem para desenvolver suas actividades e por isso assumem incapacidade perante os homens. Portanto, o homem continua a liderar como aquele que sempre teve mérito devido as suas habilidades e competência profissional em relação às mulheres no espaço público.

---

<sup>7</sup> Entrevista feita a cobradora Sandra no dia 06/08/2011- No autocarro durante a trajectória.

<sup>8</sup> Entrevista feita a motorista Fátima no dia 02/09/2011- No autocarro durante a trajectória.

E desta forma, para algumas motoristas e cobradoras, ao assumirem desvantagens em competir com os homens no mercado, as mulheres precisam de um empurrão para conseguirem caminhar sozinhas. Esta posição encontra-se enfatizada nas seguintes declarações:

A participação da mulher ainda é fraca não por causa da incapacidade delas, mas sim por causa das dificuldades e barreiras que sofriam na altura por ser mulher. O mercado é muito competitivo e as mulheres ainda têm a concepção de opressão, e isso influencia no agir da própria mulher (Inocência)<sup>9</sup>.

De acordo com o trecho acima podemos igualmente perceber que as mulheres justificam a sua fraqueza através de discursos que consideravam a mulher como inferior e sem capacidade intelectual de exercer trabalhos no espaço público. Elas continuam a reproduzir discursos que tendem a colocar a mulher numa posição inferior e com isso elas criam uma relação de desigualdade entre o homem e a mulher no espaço público, porque elas próprias já mostram dificuldades em executar mesmas funções que os homens.

Assim sendo, as motoristas e cobradoras consideram que as mulheres continuam a transportar a sua condição maternal para esfera pública, onde continuam presas nas tarefas do âmbito doméstico. As mulheres olham para si próprias como aquelas que já têm esse lado maternal e de educadora como algo natural e por isso mesmo continuam a limitar-se como mulheres servidoras da sociedade. Esta é opinião de uma das informantes:

Gosto de trabalhar nessa área porque sempre foi um sonho trabalhar com o público e gosto de servir as pessoas. A mulher faz bem o seu trabalho porque ela é mãe na igreja, no lar e exerce bem as suas tarefas no trabalho, ela educa e onde a mulher esta não deixa ser educadora, e apesar de trabalhar ela sempre exerce o seu papel de mulher e esposa. (Custódia)<sup>10</sup>.

Das análises podemos constatar que as motoristas e cobradoras realçam que as mulheres continuam a reproduzir papéis de cuidar e servir na sua forma de estar no espaço público. As mulheres transportam comportamento materno para o espaço público, e isso mostra o quanto a mulher continua a reproduzir o discurso que olha para a mulher estando ligadas à tarefas de campo doméstico.

---

<sup>9</sup> Entrevista feita a cobradora Inocência no dia 10/09/2011-Na sala de espera dos TPM.

<sup>10</sup> Entrevista feita a cobradora Custódia no dia 15/09/2011-Na sala de espera dos TPM.

## 5.2. Percepções e representações das motoristas e cobradoras dos TPM

Na pesquisa, fez-se igualmente uma identificação e análise das auto-representações e percepções das motoristas e cobradoras no que se refere ao trabalho por elas desenvolvida nos TPM. Os dados revelam que entre elas existe a percepção de que são profissionais, capacitadas e reconhecidas pelo trabalho que desempenham na empresa. Para estas o exercício das suas actividades representa igualmente um meio e oportunidade para mostrar aos homens que as mulheres têm as mesmas capacidades para exercer qualquer tipo de actividades no espaço público. Disto resulta que estas motoristas e cobradoras se sintam iguais aos homens. Conforme consubstancia a seguinte informante:

Considero-me em pé de igualdade com os homens porque a gente faz o mesmo trabalho. As mulheres já estão em pé de igualdade com os homens, e hoje já temos mulheres que já fazem tudo que os homens fazem (Amina)<sup>11</sup>

Esta percepção é igualmente identificada na afirmação da Noémia:

Acho que no meu trabalho eu supero os homens, e existem muitas profissões que os homens exercem e que para mim não é nada, sinto-me superior porque eu sei que sou capaz fazer tudo que eles fazem e posso dizer mais ainda, as mulheres fazem melhor o seu trabalho. Eu penso que todas mulheres que abraçaram esta profissão são grandes mulheres, sabem o que querem porque estão numa batalha (Noémia).<sup>12</sup>

Neste discurso é possível considerar que as mulheres percebem as suas profissões como sendo de domínio dos homens, e um dos objectivos das motoristas e cobradoras é tornarem-se profissionais como os homens. As mulheres se sentem realizadas por exercerem as mesmas actividades com os homens.

Contudo, encontramos cobradoras e motoristas que olham para o espaço público como um meio para adquirir experiência e aprender a servir o público. Há uma percepção de que elas são diferentes das outras mulheres, portanto especiais, porque exercem actividades dos homens, mas consideram ainda que é uma forma de materialização da igualdade de direito entre o homem e a mulher. Relativamente a este ponto uma informante disse:

---

<sup>11</sup> Entrevista feita a cobradora Amina no dia 22/08/2011-Na sala de espera dos TPM.

<sup>12</sup> Entrevista feita a cobradora Noémia no dia 22/08/2011-Na sala de espera dos TPM.

Acho que é uma profissão especial porque maior parte das mulheres não aderiram essa profissão, elas só conduzem carros pequenos, e por eu estar a conduzir carro grande isso já me torna especial. E é uma área que a mulher teme muito, acho que temem por ser um trabalho que sempre foi dominado pelo homem. Mas para mim esse trabalho é louvável e sinto-me orgulhosa por estar a servir o povo (Guilhermina).<sup>13</sup>

Esta percepção é igualmente identificada na afirmação da Telma:

Nós as mulheres já que queríamos igualdade de direitos agora já somos vistas como trabalhadoras de verdade, Como condutora sinto-me pessoa, e já posso fazer trabalho que o homem faz, e como mulher sinto-me honrada por estar a trabalhar para o povo. A mulher já atingiu o seu espaço, e se esforça e hoje a sociedade reconhece que a mulher é capaz, isto porque a mulher quando quer fazer algo para ter benefício ela faz e tem tido muito sucesso (Telma).<sup>14</sup>

As capacidades técnicas que as cobradoras e motoristas referem nos seus discursos advêm do facto de exercerem actividades similares com os homens e que por muito tempo eram actividades relegados aos homens. No que diz respeito a esse ponto uma participante disse:

No início achei uma profissão meio *brega*, mas depois acabei vendo que é um trabalho que os homens praticam então eu pensei, se sou cobradora posso me orgulhar disso, e se abracei essa profissão, então é gratificante. Conduzir e cobrar não são tarefas fáceis porque não é qualquer mulher que aceita essa profissão, uma vez que antes apenas homens é quem faziam (Amina).<sup>15</sup>

Esta percepção é igualmente identificada na afirmação da Ivete:

Eu sinto-me em pé de igualdade sim, e na empresa as vezes nos dão trabalhos pesados porque acham que somos iguais, e na cobrança eu sou igual ao homem porque também faço o que eles fazem e me orgulho por isso (Ivete).<sup>16</sup>

Estas passagens mostram que algumas cobradoras exercendo actividades no espaço público consideram que a mulher possui as mesmas capacidades técnicas, iguais aos homens. Portanto, para elas, com isto, fica claro que constituem um exemplo de igualdade entre homens e mulheres.

De facto, o caso das motoristas e cobradoras dos TPM leva-nos igualmente a perceber que a participação da mulher no espaço público não se reduz á ocupação de tarefas consideradas

---

<sup>13</sup> Entrevista feita a motorista Guilhermina no dia 22/08/2011- Na sala de espera dos TPM.

<sup>14</sup> Entrevista feita a motorista Telma no dia 26/08/2011- No carro durante a trajectória

<sup>15</sup> Entrevista feita a cobradora Amina no dia 28/08/2011- Na sala de espera dos TPM.

<sup>16</sup> Entrevista feita a motorista Ivete no dia 28/08/2011- No carro durante a trajectória.

domésticas, ou seja, á ideia de pensar a mulher com capacidade de desenvolver no espaço público tarefas apenas femininas.

E de forma especial as motoristas consideram que têm um compromisso com os seus passageiros e ao executar o seu trabalho, procuram proporcionar uma boa viagem aos passageiros. Elas se sentem responsáveis pelo destino de cada passageiro e obrigadas a servi-los e isso tem um significado para elas porque no momento de exercício de suas actividades elas se olham como pessoas que tem como missão, zelar pela segurança e vida dos passageiros e fazer chegar aos seus destinos a tempo e hora e sem preocupação. Sobre esse ponto uma informante disse o seguinte:

O trabalho que faço é louvável porque todos precisam de mim para chegar ao seu destino, isso deixa-me satisfeita porque sinto que faço alguma coisa para o povo e saber que eu tenho essa responsabilidade de transportar as pessoas para as suas casas é gratificante, eu sirvo e gosto de servir o povo. Quando estou a conduzir orgulho de mim, e como prova disso os passageiros dizem que não sentem nenhuma diferença entre mim e um homem a conduzir, e só de ouvir isso já me sinto realizada e satisfeita por saber que eles dependem de mim para alguma coisa. Isso mostra que a gente tem valor e os trabalhos feitos por mulheres marcam diferença (Guilhermina).<sup>17</sup>

Neste extracto de entrevista, pode-se compreender que a mulher continua a olhar-se como aquela que deve cuidar do que esta á sua volta, e isso mostra que a mulher tem uma relação especial com os passageiros que são na sua percepção um prolongamento das próprias famílias. Esta observação pode consubstanciada com outra informante:

Antes de eu vir trabalhar nos TPM, era mãe e tomava conta da família, fazia trabalhos de casa e da igreja e não tinha como ajudar com as despesas em casa, mas agora estou a trabalhar e isso esta sendo muito bom para mim porque estou a trabalhar com pessoas e gosto de trabalhar nessa área porque sempre foi um sonho trabalhar com o público e estou a gostar de servir o povo. Por eu estar a fazer esse tipo de trabalho sinto que tenho outra família lá fora que é o público, e eu considero e cuido dessas pessoas como minha família (Fátima).<sup>18</sup>

Deste modo, é de considerar as observações de Oliveira (1993) ao considerar que as mulheres são diferentes dos homens, porque no centro de sua existência estão outros valores: colocam

---

<sup>17</sup> Entrevista feita a motorista Guilhermina no dia 24/08/2011- No carro durante a trajectória.

<sup>18</sup> Entrevista feita a motorista Fátima no dia 02/09/2011- No carro durante a trajectória.

ênfase no relacionamento interpessoal, a atenção e o cuidado com o outro, a protecção da vida, a valorização da intimidade e do afectivo e a gratuidade das relações<sup>19</sup>.

Os dados revelam ainda que existem diferenças nas motivações entre as motoristas e cobradoras. Por um lado temos participantes que executam as suas actividades para obter rendimento para custear despesas das outras actividades antes desenvolvida, como por exemplo, a venda de legumes no mercado, sustentar a sua machamba. Por isso, estas consideram a sua profissão como trabalho e não como emprego. Essas participantes dão importância ao que fazem por ser um meio para garantir o dinheiro nos finais do mês. Relativamente a esse ponto uma informante disse:

Eu não procurei emprego mas sim um trabalho, *opha!* na falta do melhor o pior serve, mas enfim acabei entrando não porque ser cobradora é grande coisa mas porque o que eu queria era dinheiro e hoje graças a esse trabalho eu tenho um dinheiro garantido no final do mês, e para mim isso é importante porque garante o meu salário e dá para fazer alguma coisa. Não deixei de vender, continuo a fazer o meu *business*, não posso parar agora tudo é dinheiro, temos que correr atrás de dinheiro (Josina).<sup>20</sup>

Em relação a esta consideração Andrade et al (2001), mostra que o facto de a mulher ganhar visibilidade através da sua presença no mercado e participar no orçamento familiar através de uma actividade remunerada, não altera a sua responsabilidade no âmbito doméstico e continuam a exercer actividades como vinham exercendo.

Desta forma pode-se afirmar que para estas motoristas e cobradoras as suas actividades são uma espécie de *part-time*<sup>21</sup> seguro e uma estratégia encontrada para continuarem a produzir o que já vinham produzindo antes de entrarem nos TPM. O trabalho desempenhado nos TPM é visto por elas como uma oportunidade e meio para alcançar os seus objectivos, visto que, com o salário mensal elas têm como sustentar os seus negócios. Portanto, as cobradoras implicitamente estão no trabalho como estratégia de sobrevivência porque elas procuram meios para manter suas

---

<sup>19</sup> Esta visão é igualmente criticada por ser essencialista ou seja, pelo facto de considerar certos atributos como uma essência das mulheres.

<sup>20</sup> Entrevista feita a cobradora Josina no dia 28/08/2011- Na sala de espera dos TPM.

<sup>21</sup> *part-time* refere-se ao trabalho a curto prazo como um garante remunerável .

actividades no espaço doméstico, e não existe nelas um sentimento de auto realização uma vez que, elas não se sentem realizadas com o trabalho que têm.

Porém, algumas consideram-se beneficiadas com o seu trabalho na medida em que lhes dá oportunidade de adquirir experiência no trabalho e aprender a trabalhar com o público. Pese embora, estas trabalhem igualmente no espaço público por curto período de tempo uma vez que adquirida experiência pretendem trabalhar noutras áreas.

Apesar de se considerar *part-time* e de um pretenso abandono da profissão, as motoristas e cobradoras consideram que o trabalho por elas executadas é gratificante porque lhes concede respeito e consideração. No que diz respeito a esse ponto uma informante disse o seguinte:

A minha profissão é muito importante por causa da experiência que estou a adquirir, e para mim esse trabalho é uma capacitação e é bom para mim porque estou a ter experiência, visto que a maneira de começar um trabalho é muito importante, digo isso porque não pretendo parar por aqui porque essa profissão é um estágio, eu sempre sonhei a trabalhar com o público nas outras áreas. Essa profissão representa um longo aprendizado (Sandra).<sup>22</sup>

Das nossas análises pode-se constatar que as motoristas e cobradoras percebem o seu trabalho como temporário porque almejam em apostar em outras profissões de sonho fora dos TPM. Elas olham para o emprego como ponto de partida para amadurecer profissionalmente e partir para a profissão desejada com experiência de trabalho ou como fonte da renda para desenvolver outras actividades.

---

22

Entrevista feita a cobradora Sandra no dia 06/08/2011- No carro durante a trajectória.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo explorou as percepções e representações das motoristas e cobradoras sobre a mulher no exercício das suas funções no espaço público e analisou a forma como estas motoristas e cobradoras integradas no espaço público (TPM) se representam e percebem o seu trabalho. Neste estudo constatou-se que as mulheres estão no espaço público como estratégia de sobrevivência e tem como finalidade para além de aquisição de experiência manter suas actividades praticadas fora dos TPM, de forma a garantir o seu bem-estar.

As entrevistas e observações deste estudo mostram que por um lado as motoristas e cobradoras olham para as mulheres como aquelas que tem capacidade para realizar trabalhos executados pelos homens. Contudo, existem mulheres que continuam a reproduzir discursos sobre a sua inferioridade, projectando uma mulher incapaz de executar funções que os homens executam no espaço público.

Por outro lado, o estudo revela diferenças nas motivações entre as motoristas e cobradoras. Onde encontramos algumas que se percebem como especiais, profissionais, honradas por exercerem suas actividades nas áreas que escolheram trabalhar. Todavia, na sua maioria olham para a sua profissão como algo temporário, e apenas pretendem adquirir experiência para posteriormente apostarem noutras áreas.

Contudo, na pesquisa deu para perceber que não existe espaços pré determinado quer para a mulher quer para o homem, nem profissões para homens e outras para mulheres porque ambos partilham os mesmos espaços e podem desenvolver as mesmas actividades. Portanto, tanto o homem assim como a mulher partilham os mesmos espaços, trabalham juntos e estão sujeitos a desenvolver mesmas actividades. Todavia, As mulheres motoristas e cobradoras continuam percebendo as suas profissões como sendo de domínio dos homens, e algumas continuam a reproduzir discursos que tendem a colocar a mulher numa posição inferior, criando assim, uma relação de desigualdade entre o homem e a mulher no espaço público.

Tratando-se de uma pesquisa exploratória, é importante realçar que este é apenas um estudo sobre discursos de uma parte de um grupo de cobradoras e motoristas, assim espero que as indagações postuladas neste trabalho sejam uma forma de abrir caminhos e trazer novas

reflexões sobre a crescente integração da mulher no espaço público e particularmente sobre as representações e percepções destas, uma vez que desenvolvem actividades num espaço supostamente e historicamente considerado um domínio masculino.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, X. et al 2001. *A Mulher e a Lei na África Austral: Investigação e Educação -Famílias em contexto de mudanças em Moçambique* (2ªedicao), Maputo.
- Arán, M. 2003. “Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea”: *Estudos Feministas*: Florianópolis, 11 (2): 360.
- Campos, L. 2003. *O Papel das Mulheres no Período de Transição para a Democracia em Moçambique*. Porto: Centro de Estudos Africanos.
- Carrasco, C. 1994. *Introdução: Para uma Economia Feminista*, Brasília.
- Castro, M. 1997. *Engendrando Poderes em Tempos Neoliterais: Feminismo e feminismos*. São Paulo: Edição Anita.
- Cetolin, S. Welter I. et al 1997. “Género, Maternidade e Deficiência: Representação da Diversidade”: *Revista textos e contextos*, 7 (1): 98-119.
- Cumbi, A. 2009. “Mulheres com Formação Superior e Emprego Remunerado: mulheres emancipadas” *Outras Vozes n° 27*
- Daniel W. 2001. “A economia Política do Género: determinantes da divisão do trabalho”: *Revista de Economia Política*, 2, (9): 460-474.
- Kon, A. 2002. “A economia Política do Género: determinantes da divisão do trabalho”: *Revista de Economia Política*, 22, 3 (87): 89-105.
- Loforte, A. 2000. *Género e Poder entre os Tsongas de Moçambique*. Lisboa: ISCTE.
- MacDowell, L. 2000. *Género, Identidade y Lugar*. Valencia: Ediciones Cátedra.
- Meneses, M. 2008. *Mulheres Insubmissas? Mudanças e Conflitos no Norte de Moçambique*. Coimbra: CES.
- Okin, S. 2008. “Género, o Público e Privado”: *Revista de Estudos Feministas*, 2, (16): 310.

Oliveira, R. 1993. *Elogio da Diferença. O feminino Emergente*. São Paulo: Brasiliense.

Ortner, S. 1974. *Is Female to Male, Culture as Nature is to Culture?* Cambridge: Cambridge University Press

Osório, C. 2005. “O Caso das Eleições Legislativas de 2004, em Moçambique. Uma análise de género”, *Outras Vozes*, 11.

Rosaldo, M. 1974. “Women, Culture, and Society: A Theoretical Overview” In Rosaldo, Michelle Z. and Louise Lamphere (orgs.) *Women, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press.

Shiva, V. 2010. Diálogo sobre Ecofeminismo, Instituto dos Estudos Ecológicos do Terceiro Mundo, [www.pessoa.nsw.vol.com.br/ecofeminismo.htm](http://www.pessoa.nsw.vol.com.br/ecofeminismo.htm).

Suárez, M. 1995. *Enfoques Feministas e Antropologia*. Brasília: Serie Antropologia.

Teles, N. e Brás, E. 2010. *Género e Direitos Humanos em Moçambique*. Maputo: CIEDIMA.